

“O GUIANENSE NEGRO NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA VÁLVULA DE ESCAPE PARA O RACISMO À BRASILEIRA”

Edio Batista Barbosa e Francisco Alves Gomes ¹

RESUMO

O presente trabalho trata sobre as relações sociais que se estabelecem entre o estrangeiro (guianense negro) e o nacional (brasileiro), na faixa oficial de fronteira Brasil/República Cooperativista da Guiana. Objetiva-se justificar a importância e a possibilidade de um estudo que encare o racismo à brasileira a partir da ótica de um “outro” estigmatizado por “nós”, bem como identificar quem são os guianenses estigmatizados de Boa Vista-RR. O estudo se desenvolve por meio de análise das entrevistas realizadas no ano de 2006, com migrantes guianenses negros em Boa Vista-RR, com base na reflexão de conceitos que percorrem as trilhas do preconceito, da intolerância e da discriminação, à luz de Oliveira (2006), Nogueira (1985), Goffman (1988), Hall (2005), Schwarc (1993), Simmel (1983), dentre outros.

Palavras-chave: Racismo. Identidade. Relações sociais. Guianense

ABSTRACT

The present work deals with social relations established between the foreign (Guyanese black) and national (Brazilian), range officer of the Brazil/Cooperative Republic of Guyana. It aims to justify the importance and possibility of a study that face the Brazilian racism from the perspective of an "other" stigmatized by "we", as well as identifying who the Guyanese stigmatized Boa Vista-RR. The study is developed through analysis of interviews conducted in 2006 with Guyanese migrant blacks in Boa Vista, RR, based on the reflection of concepts that run through the trails of prejudice, intolerance and discrimination, in light of Oliveira (2006), Nogueira (1985), Goffman (1988), Hall (2005), Schwarc (1993), Simmel (1983), among others.

Keywords: Racism. Identity. Social relations. Guyanese

¹Alunos do Mestrado Interinstitucional em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em parceria com a Universidade Federal de Roraima - UFRR.

1 – O olhar do outro: o migrante guianense negro

Este trabalho tem o intuito de iniciar uma reflexão teórica acerca das relações sociais que se estabelecem entre o estrangeiro (guianense negro) e o nacional (brasileiro), na faixa oficial de fronteira Brasil/República Cooperativista da Guiana. O estudo se desenvolve por meio da análise das entrevistas realizadas no ano de 2006, com migrantes guianenses negros em Boa Vista-RR, apoiando-se em conceitos que, de certa forma, procuram dar conta de uma realidade social digna de investigação científica, cuja prioridade hermética centraliza-se no olhar do outro, isto é, o migrante guianense negro.

Começamos nossa reflexão utilizando-se do pensamento de Cardoso de Oliveira (2006), que considera melhor - para o pesquisador - estudar uma sociedade diferente da qual faz parte, uma vez que, torna-se mais fácil identificar os elementos que foram naturalizados e despercebidos pelos participantes naquela sociedade. No caso que será exposto, tentaremos perceber, a partir do olhar do “outro”, aquilo que está naturalizado para “nós”.

Esse “outro” de quem estamos falando é o migrante guianense negro. Acreditamos que seja possível por intermédio dele perceber algumas naturalizações na nossa sociedade. Aquilo que se tornou imperceptível para “nós” que estamos acostumados a viver a fábula das três raças e do racismo à brasileira, pode estar claro nas relações estabelecidas entre o “outro” e o “nós” e, perceptível no discurso desses sujeitos sociais. Por exemplo, o preconceito, a intolerância e a discriminação dispensada ao estrangeiro, ou mesmo ao negro seriam alguns elementos para tal verificação.

Podemos cair na redundância, mas gostaríamos de apresentar alguns conceitos que mais se aproximam a este sujeito social, ao enfatizar que ele é reconhecido em duas categorias: negro e estrangeiro. Ainda vamos mais além, ao considerar que este sujeito participa daquilo que Oracy Nogueira (1985) chama de preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Neste caso, a origem não está relacionada ao grupo étnico do qual faz parte, mas ao lugar de origem.

Para Nogueira (1985, p. 79), há uma diferença substancial entre estes dois tipos de preconceitos,

Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as conseqüências do preconceito, diz-se que é de origem.

Nesse contexto, ainda cabe uma colocação acerca desse sujeito social a partir da noção de estigma² desenvolvida por Goffman (1988). Para o autor, o estigma oculta uma dupla perspectiva: do desacreditado e do desacreditável. O primeiro é aquele ser estigmatizado que carrega uma marca visível. Por sua vez, o outro é aquele sujeito que, de imediato, não é possível perceber a sua marca. Esta dupla perspectiva está em ressonância com o preconceito de marca e de origem apresentado por Nogueira (1985).

Goffman (1988) acrescenta três tipos de estigmas diferentes: 1) Abominações do corpo; 2) Culpas de caráter individual e; 3) tribais de raças, nação e religião. Mas no momento, para esse estudo interessa destacar a última categoria, pois consideramos que o migrante guianese negro está caracterizado como um estigmatizado de raça e nação (em alguns casos até de religião), assim atendendo a dupla perspectiva do desacreditado e do desacreditável.

Contudo, não podemos esquecer que há toda uma complexidade em regiões de fronteiras internacionais e étnicas que configura em um jogo performático de identidades. De acordo com Silva (2000), o movimento constante neste tipo de espaço contribui para uma não fixação da identidade, assim a subvertendo e a complicando. Dessa maneira, fazendo um percurso diferente daqueles “processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade”, conforme assevera Silva (2000, p.84).

Cardoso de Oliveira (2005, p.15), apresenta uma breve noção dessa complexidade quando diferencia etnicidade e nacionalidade em região de fronteiras:

Portanto, no caso de uma situação de fronteira, aquilo que surge como um poderoso determinador social, político e cultural – provavelmente mais do que a etnicidade - passa a ser a nacionalidade dos agentes sociais; é quando nacionalidade e etnicidade se interseccionam, tal qual identidades que passam a ocupar, praticamente, um mesmo espaço. E é exatamente esse espaço ocupado pela nacionalidade que tende a se internacionalizar [...], como seria de se esperar, apenas a dimensão política, ou melhor, a identidade política e, portanto, a nacionalidade, continuaria a marcar a descrição dos indivíduos nos dois lados da fronteira.

²“Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito”. (GOFFMAN, 1980, p. 13)

Assim sendo, é importante termos em mente o contexto em que se experimenta a análise em tela. A cidade de Boa Vista é este referido espaço. Cidade que é o reflexo de um estado que “(...) está localizado, em sua totalidade, na faixa oficial de fronteira internacional do Brasil” (FERNANDES, 2003, p.23). De um lado, temos a República Bolivariana da Venezuela e do outro, a República Cooperativista da Guiana; além de existir mais de 10 (dez) grupos indígenas que estão em constante contato com a cidade de Boa Vista.

Nessa perspectiva, é quase impossível pensar em Boa Vista sem um contingente razoável de estrangeiros, e em um espaço de construção de identidade que foge ao modelo de identidade do “sujeito do iluminismo³”, colocado por Hall (2005), mas que atende ao modelo de identidade do “sujeito pós-moderno”.

2 - A problemática do não preconceito e a relação estrangeiro/nacional

Quando Abramovay e Castro (2006) se apropriam do pensamento de Cavalleiro é para evidenciar que atitudes e imagens preconceituosas e discriminatórias construídas acerca de outros indivíduos não são sempre conscientes, mas parte de um processo de socialização que “cada indivíduo socializado em nossa cultura poderá internalizar representações preconceituosas a respeito de um grupo sem se dar conta disso, ou até mesmo se dando conta por acreditar ser o mais correto” (CAVALLEIRO apud ABRAMOVAY, 2006, 157).

Atitudes como a seguir, exemplifica como o preconceito está presente em gestos e ações que muitas vezes passam despercebidos: “já aconteceu muito comigo. Eu ta no lado esquerdo e a pessoa ta no lado esquerdo, quando me ver vai para lado direito. Nunquinha vai do lado de mim” (sic) (Roberto⁴, 42 anos). Contudo, experiências desse tipo são vistas, no Brasil, como não preconceituosas, pois seguem uma forma sutil e velada no que diz respeito à questão racial no país. Assim sendo, cabe aduzir que no próprio esforço de autoafirmação é possível a identificação do preconceito à brasileira.

³Hall (2005) distingue três concepções de identidade: a) sujeito do Iluminismo; b) sujeito sociológico; c) sujeito pós-moderno.

⁴Por motivos éticos, utilizaremos nomes fictícios para todos os entrevistados.

Por exemplo, o negro quando assume sua identidade perante outros, eles tentam minimizar a carga de preconceito que é acionada neles, propagando a dita democracia racial e o ideal da miscigenação, por meio da seguinte frase: “Ah, você não é negro, é moreno”, como se estivesse atendendo o processo de transição que se aproxima ao modelo branco, conforme é criticado na obra “O espetáculo das raças” de Lilia Moritz Schwarcz (1993), ou até mesmo participando daquele jogo do adiamento do conflito em que DaMatta (1987) questiona as várias categorias intermediárias criadas entre o branco, o negro e o índio no Brasil, que serve para evitar, de certa forma, o confronto racial.

Com efeito, esta atitude de minimizar, ou melhor, de evitar uma discussão ou uma situação de preconceito racial, ora é consciente, ora é parte de um processo de socialização que torna atitudes e pensamentos “naturais”, como foi bem lembrado, no parágrafo acima, por Abromovay e Castro (2006). Nesse sentido, a problemática do não-preconceito, isto é, este preconceito de ter preconceito que se apoiou no sistema abrangente de classificação social criado e existente no Brasil ganha uma forma peculiar quando é observada na relação estrangeiro (guianense negro) e nacional (brasileiro).

Sabemos que a entrada de um migrante⁵ em um contexto sociocultural diferente do dele costuma resultar em uma relação de conflito e estranhamento. Esta relação se estabelece em via de mão dupla: migrante e sociedade receptora (SILVA, 2005). Para o migrante, a dificuldade está em decifrar os códigos culturais locais. Ele carrega princípios, valores, modo de condutas que apreendeu na sua “sociedade de origem”; lá, ele participava de uma realidade possuidora de uma ordem de objetos que davam sentidos e significados as experiências da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Por sua vez, para a sociedade receptora, conforme Simmel (1983), o sujeito será reconhecido como um estrangeiro, pois ele não fez parte dela desde o início, ele participava de outra realidade que não era essa. Uma vez que, o migrante não faz parte dessa sociedade, ele passa a sofrer hostilidades. Dada a situação, observarmos as pertinentes relações, formadas ou em formação, no âmbito deste espaço pelos guianenses negros. Para tal finalidade, buscamos nos discursos desses sujeitos sociais a forma que se configura o racismo à brasileira.

⁵Utilizamos o conceito de migração empregado por Rocha-Trindade (1995). Nesta, o termo abrange tanto o ato da partida quanto o da chegada. Não define apenas aquele que entra em outro país por meios mais diversos e se estabelece, mas também aquele que deixa para trás lugares, espaços e pessoas que compunham a sua realidade anterior a atual.

Conforme leituras e contatos preliminares, percebemos que o “ser guianense” está vinculado ao grupo étnico ao qual o indivíduo faz parte. Apesar de que, na situação de migrante, a identidade nacional vem em primeiro lugar, pois ela está estritamente ligada à étnica. A divisão étnica/racial na República Cooperativista da Guiana é pontual. Lá, a divisão da população está pautada na classificação dos grupos étnicos, como mostra Baines (2003, p.10) “tem sido classificada etnicamente em 49,49% indianos guianeses (East Indians), 35,63% afro-guianeses (Africans), 7,05% mestiço (Mixed Guyanese) e 6,81% índios (Amerindians)”.

Sendo assim, os migrantes guianenses negros trazem consigo uma bagagem cultural que lhes dão base para a construção, ou percepção desta nova realidade em que estão inseridos. Berger e Luckmann (1985, p.39) afirmam que “a realidade da vida cotidiana está organizada em torno do ‘aqui’ de meu corpo e do ‘agora’ do meu presente”. Entretanto, por mais que esta realidade ocorra no presente, ela tem uma forte ligação com o passado. Portanto, “o aqui e agora” dos guianenses é diferente do “aqui e agora” dos brasileiros. Ela tem um contorno do passado guianense de ser.

Minhas relações com os outros não se limitam aos conhecidos e contemporâneos. Relaciono-me também com os predecessores e sucessores (...), relaciono-me com meus predecessores mediante tipificações de todo anônimas, ‘meus antepassados emigrantes’ e ainda mais os ‘Pais Fundadores’(...). O anonimato de ambos estes conjuntos de tipificações não os impede, porém, de entrarem como elementos na realidade da vida cotidiana, às vezes de maneira muito decisiva. Afinal, posso sacrificar minha vida por lealdade aos Pais Fundadores ou, no mesmo sentido, em favor das gerações futuras (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 53).

Diferente daquela concepção de que a criança vem ao mundo como uma folha de papel em branco, os guianenses já são folhas todas preenchidas, não queremos afirmar que não existe mais algo que possa ser criado ou recriado, acrescentado ou modelado. Silva (2000) coloca que há na produção de identidade dois movimentos. Um que, tende a fixá-la e estabilizá-la, e outro que tende a desestabilizá-la e subvertê-la. Mas, o que queremos

deixar claro é que eles já passaram pela socialização primária e secundária⁶. Estes agentes sociais interiorizaram normas e valores da sua cultura.

Em virtude do que foi exposto, pensamos ser possível a tentativa de análise proposta neste trabalho, pois eles (os guianenses negros) não possuem a mesma visão viciada dos brasileiros sobre a relação racial estabelecida no Brasil. Desse modo, torna-se viável perceber esta relação (racial) a partir da ótica do guianense negro.

Considerações finais

Como procuramos definir no início desse trabalho, o guianense negro participa de uma dupla perspectiva: do negro (do desacreditado) e do estrangeiro (do desacreditável). Pelo menos, acreditamos que esta linha de raciocínio fica mais clara com o seguinte depoimento: “A primeira coisa, eu achei uma única coisa mesmo, a dificuldade de um pouco de preconceito, por causa talvez da minha nacionalidade e talvez por causa da minha raça. Esse foi a dificuldade muito grande para mim” (*sic*) (Renata, 28 anos).

Em outra fala, um dos entrevistados relata como foi criada uma imagem do seu país de origem:

Mas olha, é o seguinte, o pessoal pensa quando for para Guiana, que Guiana é um país de drogas, que é inadequado, que vem muito maconha de lá e tudo mais, mas é o que que você vai procurar (...) porque além desse preconceito que a gente sofreu é porque muitos negros guyanês já veio aqui em Boa Vista/Roraima e fizeram muita besteira. Então, os que estavam de autoridades, eles acham “porra, que aquele ali é outro! Então, é por isso que aqui em Boa Vista é para isso que tinha, tem, tinha esse preconceito (*sic*).” (João, 40 anos)

Neste relato, Sr. João deixa claro o tratamento e os obstáculos que teve que superar devido aos estereótipos⁷ que os brasileiros formularam em relação à Guiana e aos guianenses. Para Goffman (2007), os indivíduos buscam informações uns dos outros para que possam saber a melhor forma de agir e interagir, quando não se tem uma informação

⁶Acrescentaremos aqui a diferença entre a socialização primária e secundária: “a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (BERGER e LUCKUMANN, 1985, p.175).

⁷“Estereótipos são clichês, chavões que são repetidos sem serem questionados. O estereótipo parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo.” (BERND, 1994, p.13).

prévia ou um mecanismo que possa transmiti-la, pode ocorrer a situação relatada por Sr. João.

Para estes casos, Goffman (2007, p. 11) afirma que, “se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles ou, o que mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados”. Berger e Luckmann (1985) acrescentam que isto faz parte de esquemas tipificadores anônimos, pois se distanciam de uma interação face a face, parando numa interpretação da conduta como resultante da própria tipificação, ou seja, de quadros elaborados para identificar certos sujeitos. Por sua vez, estes estereótipos são criados com base em um preconceito de origem. Ou seja, do lugar de origem. Mas, também, há a forma imediata do preconceito racial de marca:

aqui também tem um pouquinho desse preconceito. Por que eu ver os pais fazer, ver um negão passando elas falam para criança “o negão vai levar você”, criando um medo, um medo e desrespeito. E eles têm esse medo. Tem aqueles que é grande também, andam na rua, eles me vêem e entram em outra rua, eles viram em outra rua. Um menino estava indo para o ginásio, só faltava uma esquina a mais para chegar, só porque ele me ver, ele vira por lá. (sic) (Smith, 38 anos).

Os guianenses, sejam como indivíduos ou como grupo social, aparecem na mídia noraimense associados aos temores frutos da violência urbana: “Guianense é detido por suspeita de tentativa de furto em residência” (23/02/2007) “Homicida guianense tinha duas identidades” (17/07/2007); “Assaltante guianense é preso pela PM” (20/11/2006); “Guianense é preso com moto roubada e polícia elucida dois casos de assaltos” (21/10/2006); “Guianenses são presos com 5kg de maconha” (10/02/2007). O medo, as crises inerentes ao cotidiano da vida brasileira ganham um culpado em potencial e essa centralidade determina comportamentos: para os brasileiros, hostilidades contra os migrantes e para os guianenses negros, a aceitação do estigma de “estrangeiro”.

Mas, quem são os guianenses estigmatizados de Boa Vista? Como já foi visto, são em geral trabalhadores urbanos vinculados ao mercado informal: autônomos, empregadas domésticas, pequenos proprietários de bares, trabalhadores de oficinas mecânicas, barbearias, institutos de beleza, aos quais juntam-se desempregados e desocupados,

excluídos outrora de seu país, hoje do mundo do contracheque. Junto a estes, encontra a possibilidade de perigo para o cidadão boavistense que encara o diferente como inseguro.

Para Chesnais (1998), o homem moderno sente necessidade de se proteger contra tudo que lhe parece inseguro, inclusive contra o crime. Como tudo lhe parece inseguro ou motivo de insegurança pessoal, é “natural” que os indivíduos queiram se proteger, mesmo que com formas de agressividade e repulsa. Ora, se a imagem que foi criada para o reconhecimento do guianense estiver vinculada ao perigo, logo a atitude hostil estará presente na interação entre as partes envolvidas. Desse modo, por esse “outro” ser um estrangeiro, a carga de preconceito que é velada na relação entre brasileiros se torna latente e visível na relação guianense negro e brasileiro. Assim, é “normal” sentir e expor o preconceito para com este sujeito social, uma vez que, o “nós” se sente inseguro.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAMOVAY, Maria; CASTRO, Mary Garcia (Coords). **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília: UNESCO/ INEP/ Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

BAINES, Stephen Grant. **Os Índios Makuxi e Wapichana e suas Relações com Estados Nacionais na Fronteira Brasil-Guiana**. Nº 338 . Brasília: Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília, 2003 (Série Antropologia).

BERGER, Peter L.; LUKMAN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 26ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. (antropologia, 5)

BERND, Ziliá. **Racismo e anti-racismo**. São Paulo: Editora Moderna, 1994. (coleção polêmica)

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Os (des)caminhos da identidade (etnicidade e multiculturalismo). In: _____. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 87-115.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução. In: _____; BAINES, Stephen G (Orgs.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. (Coleção Américas)

CHESNAIS, F. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1998.

DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: _____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987, p. 58-85.

FERNANDES, Pedro. **Caracterização Geográfica da faixa de Fronteira Continental Norte**. Monografia submetida ao Departamento de Geografia como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 14ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco**: estudos de relações raciais. São Paulo: Editora Queiroz, 1985.

SCHWARCS, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: FILHO, Evaristo de Moraes (Org.) **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983. p.122-134.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para análise das migrações. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo (Orgs.). **Estudos migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2005. p. 53-86.